

Aspectos conceptuais da reversibilidade semântica da construção-suporte no macroesquema da predicação

Conceptual aspects of the semantic reversibility of the support construction in the predication macroscheme

Vânia Cristina Casseb GALVÃO*

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Eduardo Almeida FLORES**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever o macroesquema da predicação e analisar os aspectos conceptuais da reversibilidade semântica relativa à construção-suporte no Português Brasileiro. A descrição e análise propostas serão fundamentadas nos estudos da Linguística Cognitiva (JOHNSON, 1987; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1990; FILLMORE, 1982) e da Gramática de Construções (CROFT, 2001; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Parte-se da definição de reversibilidade como a possibilidade de algumas construções atuarem em substituição a outras sem que haja prejuízo semântico ao conteúdo enunciado e aos efeitos de sentido produzidos no texto. Consideramos que os significados das construções predicativas podem estar cognitivamente relacionados aos padrões de experiência dos falantes, ou seja, às suas representações mentais, o que pode favorecer ou inviabilizar a reversibilidade semântica nas instâncias de uso. Nesse sentido, a

* Pós-doutorado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Lisboa/PT/2010), pela Universidade Federal do Pará - UFPa (2015-2017) e pela Università Roma Tre (Itália - 2021), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Professora permanente do programa de pós-graduação Letras e Linguística da UFG, onde orientou 21 dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado, e supervisionou 4 estágios de pós-doutorado. Professora titular/ordinária da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Professora permanente convidada do programa de pós-graduação em Linguística, Letras e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (2016- 2020). E-mail: vaniacassebgalvao@gmail.com.

** Mestre em Linguística, Letras e Arte pelo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/ UEG); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em nível de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG); pesquisador associado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/CUA/UFMT). E-mail: eduardoalmeidatst@outlook.com.

conceptualização mental das construções determina a estrutura de argumentos e a representação cognitiva acionada na predicação para codificar os fatos no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Macroesquema. Reversibilidade. Construção-suporte.

ABSTRACT: This article aims to describe the predication macroscheme and analyze the conceptual aspects of the semantic reversibility of the support construction in Brazilian Portuguese (BP). The proposed description and analysis will be based on studies of Cognitive Linguistics (JOHNSON, 1987; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1990; FILLMORE, 1982) and Construction Grammar (CROFT, 2001; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006; TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013). The reversibility as the possibility of some constructions acting in substitution of others without semantic damage to the enunciated content and to the meaning effects produced in the text. We consider that the meanings of predicative constructions may be cognitively related to the speakers' experience patterns, that is, to mental representations, which may favor or derail semantic reversibility in instances of use. In this sense, the mental conceptualization of constructions determines the structure of arguments and the cognitive representation activated in the predication to encode the facts in the world.

KEYWORDS: Macroscheme. Reversibility. Support construction.

Introdução

Este artigo tem como base teórica a Gramática de Construções (GCX) e a Linguística Cognitiva (LC). Nosso interesse inicial é realizar uma breve descrição do macroesquema da predicação e, em seguida, analisar a reversibilidade semântica de alguns construtos da construção-suporte no Português Brasileiro (PB).

As construções-suporte são de natureza predicativa, integram o macroesquema da predicação e mantêm relações semânticas com outras construções equivalentes. No que se refere à reversibilidade semântica, esta pode se estabelecer entre membros de quaisquer macroesquemas predicativos, desde as predicativas mais prototípicas às menos prototípicas. Há reversibilidade em predicação organizada em torno de uma construção-suporte quando ocorre paráfrase através de um verbo pleno semanticamente equivalente,

como em *dar um chute / chutar; fazer faxina / faxinar*.¹

Cabe observar que, numa perspectiva de análise funcionalista da linguagem, considera-se que as escolhas promovidas no uso da língua constituem atos de fala únicos e contextualmente funcionais, no entanto, a reversibilidade é um processo importante para se compreender o estágio de abstratização e as possibilidades de escolhas que o paradigma construcional suporte oferece ao usuário da língua. Essa compreensão contribui para uma descrição e uma análise acurada dos processos, significados e funções relativos à determinada codificação da realidade via construção-suporte.

Sendo assim, neste artigo, buscamos compreender por que nem sempre algumas construções-suporte podem ser parafraseadas ou substituídas por construções com verbos plenos, considerando-se aspectos conceptuais de codificação da língua. Em grande medida, as construções-suporte apresentam correspondência semântica com construções de verbos plenos, mas essa não é uma regra taxativa, ora porque a língua não disponibiliza um verbo pleno equivalente, e aqui decorre a própria justificativa para a emersão desse tipo de construções, ora porque as opções disponíveis são discursivamente pouco eficientes na recuperação dos efeitos de sentidos produzidos pela escolha estrutural original.

O falante, ao representar o mundo por intermédio de padrões construcionais, não conceptualiza apenas o significado isolado dos elementos da construção, pois tem um conhecimento enciclopédico a respeito dos conceitos codificados na língua, em condições sociointeracionais diversas, atrelado a um conjunto de valores e de papéis sociais.

Nesse sentido, descrever o macroesquema da predicação e analisar reversibilidade semântica da construção-suporte do ponto de vista conceptual possibilitará uma melhor compreensão dos esquemas estabelecidos na rede de construções linguísticas e das representações cognitivas no uso efetivo da língua nos contextos socioculturais de comunicação.

Nossa hipótese é a de que a reversibilidade esteja subordinada às questões de

¹Considerando-se o grau de abstratização, uma construção-suporte deriva historicamente de uma construção com verbo pleno. Logo, se poderia pensar que a reversibilidade deveria ser direccionalmente enfocada a partir do verbo pleno. No entanto, para esta pesquisa, esse processo é pressuposto e o ponto de partida para análise é a construção-suporte.

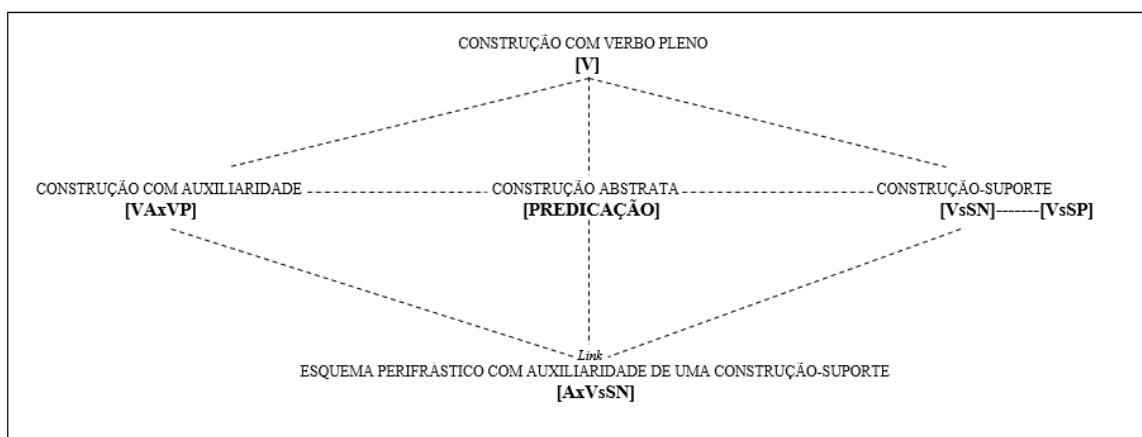
ordens conceptuais. Isto é, de acordo com o contexto comunicativo que envolve a estrutura de argumentos e a representação acionada cognitivamente na predicação, torna-se possível ou não a reversibilidade da construção-suporte.

Por conseguinte, uma reflexão a respeito da reversibilidade semântica é relevante para a compreensão dos aspectos cognitivos e construcionais da organização do predicado no PB. A descrição e análise proposta buscam reafirmar a concepção de que a língua é um fenômeno cognitivo e moldado no uso, pois as regularidades linguísticas proporcionam à língua uma forma aparente, que está submetida a um constante processo de mudança relacionado aos processos cognitivos (BYBEE, 2010). Sendo assim, a reversibilidade da construção-suporte obedece aos mesmos princípios cognitivos envolvidos nas alterações sistêmicas que atualizam a língua no uso.

2. O macroesquema da predicação

A língua é uma estrutura formada por um inventário de construções que são estruturadas em redes taxonômicas (LANGACKER, 2008; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse sentido, Goldberg (2006) explica que as construções derivam de várias outras, formando redes construcionais. Em outras palavras, os padrões construcionais estão organizados em categorias no sistema linguístico de acordo com as propriedades que cada construção apresenta. Por isso, considera-se que as construções predicativas constituem a rede que estrutura o macroesquema da predicação. Essa rede de construções predicativas pode ser observada no quadro a seguir:

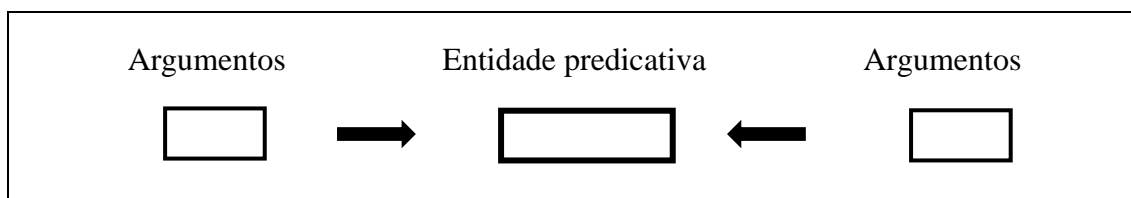
Quadro 1: Macroesquema da predicação no PB.



Fonte: Dados do presente estudo.

No macroesquema da predicação, a construção central é um padrão cognitivo muito abstrato. Essa construção esquemática consiste em uma estrutura cognitiva generalizada, ou seja, um esquema de imagem, que pode ser descrito a partir da conceptualização mental de uma entidade predicativa capaz de requisitar argumentos em nível oracional. No quadro a seguir, representamos o esquema de imagem que codifica as construções predicativas no PB:

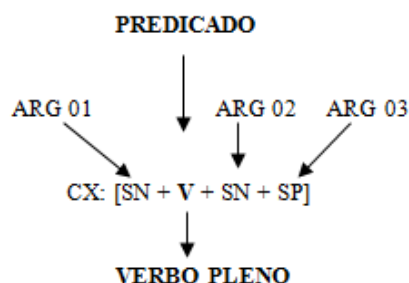
Quadro 2: Esquema de imagem da construção predicativa no PB.



Fonte: Dados do presente estudo.

A partir dessa construção cognitiva rotinizada no uso da língua, o falante constrói subcategorias funcionais, por exemplo: *a construção com verbo pleno*, *a construção de auxiliabilidade* e *a construção-suporte*. O esquema construcional com verbos plenos é o mais prototípico no PB, pois é membro mais centralizado da categoria de predicado. Almeida-Flores (2020, p. 51) descreve a construção de predicado com verbos plenos em orações transitivas diretas e indiretas a partir do seguinte esquema:

Esquema 1: Esquema predicativo de orações transitivas.



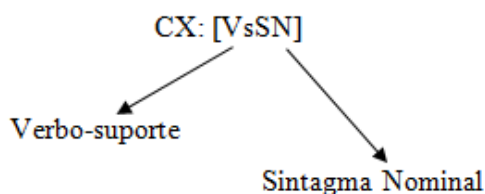
Fonte: A Construção-Suporte no Português Brasileiro - Almeida-Flores (2020, p. 51).

Na predicação, as construções predicativas acionam argumentos na constituição oracional. A partir desse processo, a frequência de uso de algumas construções pode afetar as representações, promovendo a centralidade de determinados elementos nas categorias (BYBEE, 2010). Por isso, a construção com verbo pleno é o padrão construcional prototípico no macroesquema da predicação, pois tende a ser mais frequente na codificação da língua em uso, como podemos observar na seguinte ocorrência:

(1) É... aí ela escreveu... e eu fiis dois quadro... aí eu **dei** um [quadro] pra ela... e... e fiquei com um. (FG, F, 70 a, 2003, p.46).

O macroesquema da predicação é constituído por outras construções, que também são muito produtivas na língua. A construção-suporte, por exemplo, surge de uma generalização por meio de mudança no contexto predicativo de orações transitivas. Essa construção consiste em um esquema cognitivo abstrato, que é categorizado pelos falantes por intermédio de inovações no uso. Para Neves (2011), a construção-suporte prototípica estabelece um vínculo entre um verbo-suporte, com determinada natureza semântica básica e com função de natureza gramatical, e um sintagma nominal, que compõem o sentido da construção como um todo. Esse vínculo pode ser representado pelo seguinte esquema construcional:

Esquema 2: Esquema da construção-suporte.



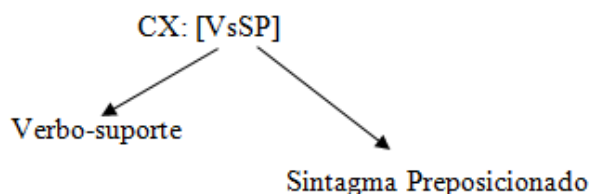
Fonte: A Construção-Suporte no Português Brasileiro - Almeida-Flores (2020, p. 25).

A configuração morfossintática codificada nesse esquema construcional resulta da representação cognitiva da construção prototípica na categoria suporte e pode ser observada na ocorrência a seguir:

(2) [...] Meu pai não tá na idade mais de comer comida esquentada... ele tem setenta e oito anos... aí:... aí eu peguei e falei pro meu irmão... falei assim... sabe que que de vai fazer... ele vai passa:... passa a **fazer caminhada**... ele vai começa a fazer a comida dele... almoço e janta dele... ele... o... ele num tava tendo... vida ativa... (FG, F, 40 a, 2003, p. 10).

Em consequência da frequência de uso da construção-suporte e de processos cognitivos como a analogia, outros esquemas podem surgir como membros menos centrais. É o caso do esquema construcional a seguir, que apresenta configuração morfossintática diferente da construção-suporte prototípica:

Esquema 3: Membro descentralizado da categoria suporte.



Fonte: A Construção-Suporte no Português Brasileiro - Almeida-Flores (2020, p. 67).

Nesse esquema, a configuração morfossintática corresponde ao entrincheiramento de um verbo com função suporte e um sintagma preposicionado na composição do predicado. Essa construção menos central surge na língua por analogia ao padrão mais prototípico, como observados nas ocorrências a seguir:

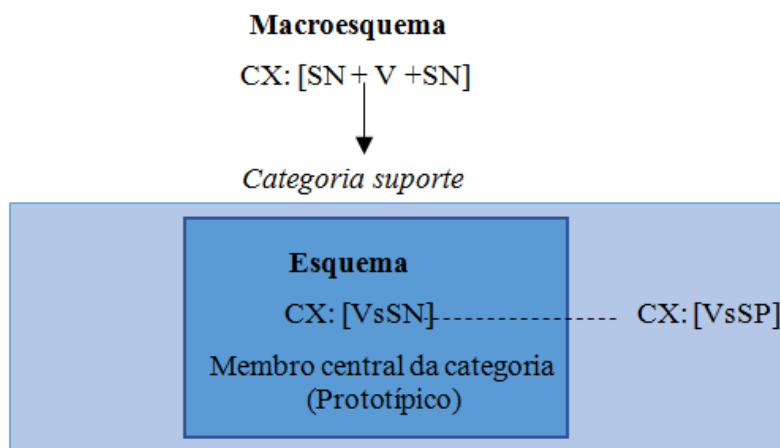
(3) [...] se ele permanecer sentado na cátedra... nós nos ajoelhamos... caso ele não permaneça... nós levantamos/ eh:: nós **ficamos de pé**... ele levanta... aí nós ficamos de pé... ele deita novamente o incenso no turíbulo... eu fecho o turíbulo... e vou pra:... pra mesa da palavra... lá um sacerdote... pela liturgia o certo é um diácono... mas caso falte... fica o... o sacerdote... ele pede a bênção ao bispo... e vai... falar... o::.../ aliás... vai proclamar o evangelho.... (D&G, M, Inq 10. Juiz de Fora, 1993, p. 44).

(4) [...] ela **colocou na minha cabeça**... pra eu ir conversando com o meu marido... pra ir ignorando os problemas... sabe? e::... eu morava perto da casa da minha sogra... então eu tive que sair de lá. lá... porque ela começou a levar mulher pra dentro da minha ca::sa... a fazer ciúme pra o meu mari::do... a falar que eu estava andando com homem na ru::a... (D&G, F, Inq 07. Juiz de Fora, 1993, p. 30).

Nas ocorrências (3) e (4), os construtos “ficar de pé” e “colocar na cabeça” poderiam ser parafraseadas pelos verbos plenos *levantar* e *convencer* respectivamente. Os construtos dessa construção tendem a ser mais integrados semanticamente, pois o elemento que funciona como centro informacional não pode ser atribuído ao sintagma preposicionado da construção apenas.

Em alguns casos, o sintagma preposicionado consiste no elemento mais entrincheirado do esquema, cabendo ao verbo-suporte codificar as informações principais, como na microconstrução CX: [X na minha cabeça], que instancia a ocorrência em (4) e outros construtos, como: *veio na minha cabeça* (lembrar), *ficava na minha cabeça* (pensar), *estava na minha cabeça* (pensar/entender) etc. Essa propriedade não é observada no protótipo da categoria-suporte, pois a informação principal é sempre codificada pelo sintagma nominal e o verbo-suporte representa regularmente elemento mais entrincheirado no nível das microconstruções. Almeida-Flores (2020) descreve a categoria suporte por intermédio do seguinte esquema:

Esquema 4: Categoria Suporte.



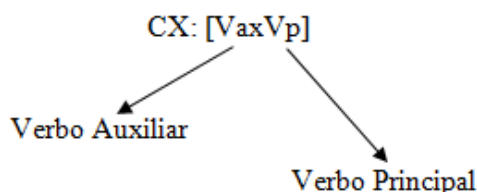
Fonte: A Construção-Suporte no Português Brasileiro - Almeida-Flores (2020, p. 68).

Apesar de não apresentar a configuração morfossintática da construção-suporte prototípica, o membro descentralizado da categoria codifica aspectos funcionais da cena predicativa, configurando-se, dessa forma, como uma extensão do padrão suporte no PB.

Assim como as construções apresentadas até aqui, a construção de auxiliaridade também se refere a um padrão cognitivo que opera no macroesquema da predicação e

pode ser representado pelo seguinte esquema:

Esquema 5: Esquema da construção de auxiliaridade.



Fonte: Dados do presente estudo.

Nessa construção, (Vax) consiste em um verbo gramaticalizado, que apresenta funcionalidades relacionadas à codificação de tempo, pessoa, número, modo e aspecto. Por outro lado, (Vp) codifica a informação semântica principal da construção. A seguinte ocorrência é um exemplo desse padrão cognitivo no uso da língua:

(5) [...] só percebo diferente de outros estados... que quando chega alguém de fora... aí que a gente para pra pensar assim o jeito que nós **estamos falando** diferente... (FG, F, 20a, 2010, p.03).

A construção de auxiliaridade é um esquema generalizado e complexo no PB, pois pode-se observar nesse esquema cognitivo a coexistência de duas construções verbais na composição do sintagma verbal: um verbo auxiliar e uma forma verbal no infinitivo, no gerúndio ou no particípio (LONGO, 2015).

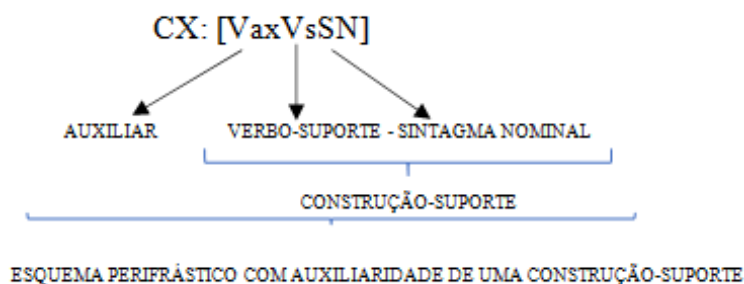
Na estrutura de superfície, a construção-suporte e a construção de auxiliaridade podem ser combinadas para representar os objetivos interativos do usuário da língua. O resultado dessa combinação é um *link* mais complexo, derivado do macroesquema da predicação e que comporta as categorias suporte e auxiliaridade, como na ocorrência a seguir:

(6) [...] “nossa... cê **vai fazer entrevista** com aquele demônio.” (FG, F, 36 a, 2003, p.15).

A construção combina a forma verbal auxiliar e o esquema cognitivo prototípico

da construção-suporte, ou seja, um verbo-suporte e um sintagma nominal – *fazer entrevista* (ALMEIDA-FLORES, 2020). Dessa maneira, a construção resultante consiste em um padrão cognitivo perifrástico que pode ser representado pelo seguinte esquema:

Esquema 6: Auxiliabilidade de uma construção-suporte.



Fonte: Dados do presente estudo.

Os dados em análise integram o *corpus* Fala Goiana (FG) e o *corpus* Discurso & Gramática (D&G). A presença do auxiliar de futuro (*ir*) se justifica pela preferência do usuário do PB em representar os eventos por vias perifrásticas, ainda que o contexto sintagmático ganhe mais volume, conforme observado nesses *corpora*.

Como podemos observar nessa breve descrição do macroesquema da predicação, as construções se organizam em rede na língua e apresentam regularidades no uso, visto que cada construção é a generalização de um determinado padrão cognitivo. Esses padrões construcionais são interconectados e envolvem os processos cognitivos desencadeados pelas experiências vivenciadas pelos falantes, a frequência de uso e a criatividade do falante ao realizar inovações na língua. Tais informações são relevantes para a sequência da análise envolvendo as relações conceituais que instanciam a reversibilidade semântica da construção-suporte no PB.

3. A reversibilidade semântica da construção-suporte

Na Gramática de Construções, a produção do significado das categorias linguísticas é vista como um fenômeno cognitivo que parte das representações conceituais dos falantes. De acordo com Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012), a noção de conceptualização envolve as experiências sociomotoras e a compreensão do

contexto social, cultural e linguístico. Por esse motivo, não se estabelece uma relação de referência entre os significados e as expressões linguísticas como se faz na Semântica Formal (CANÇADO, 2020). Em uma perspectiva cognitivista, considera-se a representação mental associada à codificação dos significados na língua, o que é compatível com a ideia da reversibilidade semântica.

Neste artigo, caracterizamos a reversibilidade semântica como a capacidade que apresentam algumas construções de atuarem em substituição a outros esquemas construcionais em paráfrases em nível da predicação, sem que, para isso, ocorra prejuízo semântico. No que concerne à reversibilidade, entendemos que as categorias predicativas podem apresentar as seguintes propriedades semânticas:

- ***Não reversibilidade:*** quando uma construção não apresenta correspondência semântica com outra construção no PB, como a construção-suporte *dar tempestade (suporte)*;
- ***Reversibilidade direta:*** quando a reversibilidade se estabelece em relação aos elementos que funcionam como centro informacional na construção, como em *ir comprar (construção perifrástica) x comprar (construção com verbo pleno)*, *fazer viagem (construção-suporte) x viajar (construção com verbo pleno) etc.*;
- ***Reversibilidade indireta:*** quando a reversibilidade se estabelece com categorias predicativas sem correspondência aparente com os elementos que funcionam como centro informacional na construção, como *dar pancada (construção-suporte) x bater (construção com verbo pleno)*.

Em grande medida, as construções-suporte são reversíveis em construções com verbos plenos, pois podem ser substituídas por esses verbos sem alteração no significado, como nas seguintes ocorrências:

(7) [...] eu **dei uma olhada** assim pra minha mão... (FG, M, 36 a, 2003, p.18).

(8) [...] com o passar do tempo eu **olhei** o rapaz na minha escola de novo... aí eu liguei. (FG, F, 20 a, 2003, p.05).

Nas ocorrências (7) e (8), as construções predicativas *dar uma olhada* e *olhar* codificam a mesma representação cognitiva, ou seja, apresentam o mesmo significado conceptual – *direcionar, fixar os olhos em algo ou alguém*. Por isso, nesse caso, a reversibilidade semântica é estabelecida de maneira direta. Entretanto, nos caso de não reversibilidade, a equivalência não é possível, pois a construção-suporte é conceptualizada com significado incompatível com o significado da construção com o verbo pleno. Essa diferença semântica envolve os propósitos pragmáticos, intenções discursivas e processos cognitivos na representação mental dos falantes, como ocorre nas seguintes ocorrências:

(9) [...] eu **voltei** na igreja di:::novo. (FG, M, 48 a, 2003, p.18).

(10) [...] às quatorze horas, resolvi colocar minhas bagagens no Porta-malas da Estação e **dar umas voltinhas** no centro da cidade que ficava no mesmo bairro da Rodoviária. (D&G, M, 30 a, 1993 p. 74).

Embora as construções em destaque nas ocorrências (9) e (10) possam ser reversíveis em alguns contextos de uso, a construção predicativa com verbo pleno *voltar* (sentido de retorno a algum lugar) não apresenta o mesmo significado da construção-suporte *dar volta*. No contexto da ocorrência (10), a construção expressa na conceptualização do significado *um movimento contínuo e aleatório em um determinado lugar (passeio)*. Desse modo, nessas instâncias de uso, identificamos que não há uma correspondência semântica entre as construções (suporte e pleno). Também, outras representações cognitivas podem estar relacionadas ao uso da construção *dar volta*, como *sair com alguém, superar alguma situação ruim ou difícil, realizar trajetórias circulares como em uma pista de corrida etc.*

A possibilidade da reversibilidade semântica está relacionada à codificação da representação cognitiva subjacente ao uso da língua. Por isso, seu tratamento deve considerar alguns princípios da Linguística Cognitiva, e que envolvem noções como domínio cognitivo, prototipia, esquema de imagens etc.

3.1 Domínio cognitivo

Para Langacker (2008, p. 44), domínio cognitivo consiste em qualquer tipo de concepção ou domínio de experiência. De maneira geral, os conhecimentos que lhes constituem são capturados por intermédio das experiências empírica dos falantes em contato com o ambiente de interação social. As informações partem do ambiente, passam pelos sentidos e são processadas cognitivamente em categorias. Em decorrência do conhecimento enciclopédico, os falantes organizam as categorias em domínios cognitivos, que são arranjos esquemáticos que estruturam o conhecimento do mundo. Para Langacker (2008, p. 28):

[...] meanings are seen as emerging dynamically in discourse and social interaction. Rather than being fixed and predetermined, they are actively negotiated by interlocutors on the basis of the physical, linguistic, social, and cultural context. Meaning is not localized but distributed, aspects of it inhering in the speech community, in the pragmatic circumstances of the speech event, and in the surrounding world. In particular, it is not inside a single speaker's head.²

Por conseguinte, os domínios cognitivos originam-se a partir dos conhecimentos socioculturais, que são interpretados e categorizados em conteúdos conceituais. Nessa perspectiva, consideramos que as construções em destaque nas ocorrências (9) e (10), por exemplo, representam significados de um mesmo domínio cognitivo, isto é, o domínio *movimento*, ou seja, são construções que expressam conceitos relativos a uma mesma categoria.

3.2 Protótipos

Como discutido anteriormente, apesar de compor o mesmo domínio cognitivo e expressar significados de uma mesma categoria, as construções *voltar* e *dar voltas* observadas nas ocorrências (9) e (10) não são reversíveis em alguns contextos. Isso acontece porque a construção com verbo pleno *voltar* além de representar a construção mais central da categoria de predicado do ponto de vista formal, também apresenta o conceito mais prototípico da rede conceitual do domínio *movimento*. Para Lakoff (1990),

² [...] os significados são vistos como emergindo dinamicamente no discurso e na interação social. Ao invés de serem fixos e predeterminados, eles são ativamente negociados pelos interlocutores com base no contexto físico, linguístico, social e cultural. O significado não é localizado, mas distribuído, sendo seus aspectos inerentes à comunidade de fala, às circunstâncias pragmáticas do evento de fala e ao mundo circundante. Em particular, não está dentro da cabeça de um único falante.

a linguagem faz uso de mecanismos cognitivos (processos cognitivos gerais) e o efeito de protótipo ocorre em todos os níveis da língua. Bybee (2010, p.18) explica que:

Early work in natural categorization identified what have come to be called ‘prototype effects’. These effects arise from graded category membership in which some members of categories are considered better or more central members than others. Experiments by Eleanor Rosch (1973, 1975) demonstrated that within a culture, subjects show considerable agreement on which items are considered to be good examples of a category. Prototype effects have been demonstrated to be pervasive in language (Lakoff 1987, Taylor 1995).³

Nas categorias conceituais, os protótipos consistem nos membros mais centrais por compartilhar mais propriedades da categoria, enquanto os membros mais periféricos apresentam menor número dessas propriedades. Por essas características, em geral, são os protótipos que ocorrem mais rapidamente na cabeça dos falantes no uso da língua (CANÇADO, 2020).

A teoria dos protótipos reconhece que a separação entre categorias é gradual e as fronteiras são difusas, ou seja, imprecisas (fuzzy edges). Nesse sentido, alguns membros podem participar de mais de uma categoria, pois existe gradiência entre os exemplares tipológicos. A título de exemplo, a construção em destaque na ocorrência a seguir denota uma concepção diversa do que se espera em relação aos conceitos do domínio *movimento*:

(11) [...] Ele num... num **deu a vorta por cima** não... (FG, M, 30 a, 2003, p.03).

A construção-suporte, em destaque na ocorrência (11), compõe uma construção cristalizada no PB, que apresenta reversibilidade indireta com o verbo pleno *superar*. Essa construção abrange a estrutura de conceito de *superação de uma condição adversa* pelo processo metafórico de transferência de conceitos entre domínios. O movimento aqui é mental. “Ele” estava em uma determinada posição cognitiva negativa (injustiça, tristeza, etc.) e fez um movimento elíptico de dentro para fora, precisou contornar obstáculos. Não

³ O trabalho inicial sobre a categorização natural identificou o que veio a ser chamado de “efeito de protótipos”. Esses efeitos surgem de graus de pertencimento a uma categoria, em que membros são considerados melhores ou mais centrais do que outros. Experimentos feitos por Eleanor Rosch (1973, 1975) demonstram que, dentro de uma cultura, os indivíduos mostram concordância consideráveis sobre que itens são considerados bons exemplos de uma categoria. Já foi demonstrado que efeitos de protótipos acontecem em toda a língua (Lakoff, 1987; Taylor, 1995).

foi um movimento prototípico, de linha reta ou de baixo para cima.

Em síntese, a metáfora consiste em um mecanismo de conceptualização do mundo e se estabelece quando o falante utiliza o significado de um domínio aplicado em outro. É um mecanismo apoiado em processos cognitivos como a analogia e a categorização, que projeta componentes do significado obtido pela experiência dos falantes.

No processo metafórico, nós reciclamos conhecimentos da memória de longo prazo para conceptualizar novos acontecimentos do mundo. Nesse sentido, a construção *dar voltas*, que prototipicamente codifica experiências com a realidade física e espacial, é projetada em domínios mais esquemáticos ou abstratos da realidade psicológica e passa a representar conceitos de superação de condições adversas, como observado na ocorrência (11).

Regularmente, no macroesquema da predicação, a construção com verbo pleno designa o conceito mais central. Por isso, a construção *voltar* conceptualiza algum tipo de retorno a um ponto inicial em um determinado espaço, enquanto a construção-suporte *dar voltas* pode designar conceitos mais descentralizados, por apresentar propriedades conceptuais diferentes daquelas observadas no uso da construção com verbo pleno. Em alguma medida, as diferenças graduais na conceptualização das construções ativam diferentes *frames* e *esquemas de imagem* na categoria e definem se as construções serão reversíveis ou não no uso da língua.

3.4 Esquemas de imagem

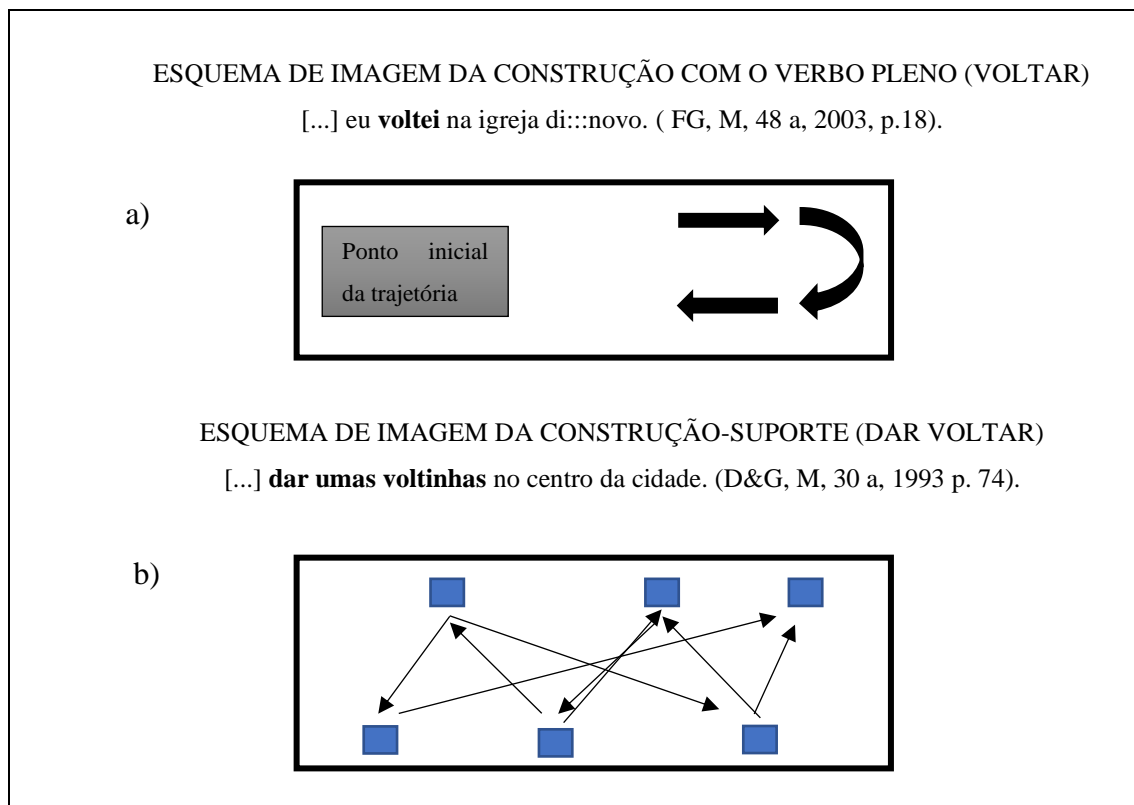
A noção de *esquema de imagem* proposta por Johnson (1987) também é importante na análise da reversibilidade semântica. Os esquemas de imagem, segundo esse autor, são padrões de estruturas conceptuais repetíveis na experiência física com o mundo, como recipiente, trajetória, alvo, fonte etc.

[...] Image schemata are those recurring structures of, or in, our perceptual interactions, bodily experiences, and cognitive operations. These schematic structures have a relatively small number of parts or components that stand in very definite relations to one another. So, whenever a single schema is instantiated in a number of different experiences or images, these same parts

and relations recur. (JOHNSON, 1987, p.79).⁴

Em geral, os esquemas de imagem são estruturas conceituais abstraídas da realidade física pelo sistema sensorio-motor e são generalizadas em instâncias cognitivas para estruturar os acontecimentos do mundo. Esses esquemas de imaginação auxiliam no ordenamento da realidade em padrões recorrentes observados nas experiências dos falantes. Considerando o esquema de imagem de “trajetória”, por exemplo, veremos que a construção com o verbo pleno na ocorrência (9) apresenta um esquema de imagem distinto do esquema conceptualizado na construção-suporte em (10), como observado no seguinte quadro:

Quadro 3: Esquema de imagem de voltar e de dar volta.



Fonte: Dados do presente estudo.

⁴ [...] Esquemas de imagem são aquelas estruturas recorrentes em nossas interações perceptivas, experiências corporais e operações cognitivas. Essas estruturas esquemáticas têm um número relativamente pequeno de peças ou componentes que mantêm relações muito definidas entre si. Assim, sempre que um único esquema é instanciado em várias experiências ou imagens diferentes, essas mesmas partes e relações se repetem. (JOHNSON, 1987, p.79).

Em (a), o esquema de imagem, representado pela construção com verbo pleno, expressa o conceito prototípico da categoria, que denota um tipo de movimento de retorno ao ponto inicial de um trajeto. Por outro lado, em (b), o ponto inicial da trajetória não é identificável e o percurso é imprevisível, aleatório. A análise dos esquemas de imagem das construções no macroesquema da predicação demonstra, então, que são as diferenças conceptuais estabelecidas nos padrões de experiências dos falantes que determinam a reversibilidade semântica da construção-suporte em relação à construção com o verbo pleno.

3.3 *Frames semânticos*

A análise da reversibilidade semântica envolve também a noção de *Frame*. Para Fillmore (1982), *frame* consiste na estrutura de conceito armazenado na memória e organizado a partir das experiências dos falantes. Portanto, qualquer estrutura da língua tem seu significado ligado a outros conceitos que compõem a mesma *cena* de significação, de modo que quando uma construção linguística surge em um determinado contexto de uso outros significados são automaticamente disponibilizados aos interlocutores.

By the term 'frame' I have in mind any mean any system of concepts related in such a way that, to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when on of the things in such a structure is introduced into a text, our into a conversation, all of the others are automatically made available. (FILLMORE, 1982, p.111).⁵

Nesse sentido, a construção-suporte *dar volta* e a construção com verbo pleno *voltar* apresentam *frames* semânticos distintos. O significado da construção com o verbo pleno *voltar* (retorno a algum lugar ou ponto de origem) não compõe o *frame* semântico da construção-suporte *dar volta* no contexto de uso representado na ocorrência (10).

Os *frames* são estruturas mentais que ajudam o falante a compreender e criar a realidade pelo enquadre da significação das construções linguísticas. Na ativação do

⁵ Pelo termo 'frame' eu tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles é preciso entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma das coisas em tal estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas. (FILLMORE, 1982, p.111).

frame, elege-se um ponto de vista específico da cena, pois a percepção do falante não é capaz de captar todas as informações disponíveis. Sendo assim, a atenção volta-se para as informações mais importantes.

Essas informações são identificadas na Linguística Cognitiva como figura e as outras informações disponíveis no *frame* são informações de fundo. A atenção é um processo cognitivo importante para a conceptualização de figura e fundo, pois ela permite que o falante enfoque nos elementos mais salientes, ou seja, nas informações mais relevantes. Para Abreu (2010), a integração entre figura e fundo na composição da cena (Gestalt) pode variar de acordo com a percepção e com a subjetividade do falante, como pode ser observado nas ocorrências a seguir:

(12) Essa experiência foi bastante fácil e agradável, e o que pensei ser difícil, por **entrevistar** uma criança, mostrou-me totalmente o contrário. (D&G, F, 17 a, 1993 p. 81).

(13) [...] **fiz uma entrevista** há pouco tempo lá na... antes de trabalhar na igreja de Cristo... (FG, F, 36 a, 2003, p.16).

Essas ocorrências codificam um mesmo *frame* semântico. No entanto, verificam-se diferenças no perfilamento das construções. Para Langacker (2008), o perfilamento consiste na codificação da figura e do fundo nas cenas cognitivas, o que envolve a perspectiva adotada pelo falante. Em (11), por exemplo, a construção com verbo pleno *entrevistar* perfila o entrevistador como figura, enquanto o entrevistado ocupa posição de fundo. Por outro lado, em (12), a construção-suporte *fazer entrevista* perfila a pessoa entrevistada como figura e, por isso, a posição de fundo é ocupada pelo entrevistador, que está disponível no contexto, mas nem aparece na estrutura de superfície, ou seja, na codificação linguística. Isso significa que em algumas instâncias de uso essas construções não são reversíveis pelo perfilamento de figura e fundo no *frame* semântico.

Na representação mental, as construções linguísticas indicam as categorizações das experiências dos falantes com o mundo e com a língua (FILLMORE, 1982). Assim, os significados das construções são atrelados aos *frames semânticos*, de modo que os sentidos das construções linguísticas estão vinculados às estruturas de conhecimento associadas aos padrões de experiência dos falantes. Logo, as construções representam padrões cognitivos que realizam a mediação entre o indivíduo e o mundo. Nesse sentido,

o estudo do significado corresponde a uma perspectiva teórica apropriada para se analisar e compreender a reversibilidade semântica da construção-suporte em verbos plenos.

Considerações finais

Nesse artigo, buscamos descrever o macroesquema da predicação e analisar a reversibilidade semântica da construção-suporte em relação às construções com verbos plenos. Apresentamos inicialmente as alternativas de construções predicativas no PB: com verbo pleno, perifrástica, suporte. Além disso, descrevemos a construção perifrástica de auxiliaridade combinada com a construção-suporte que consiste em um *link* estabelecido em rede com funcionalidades relativas à codificação de futuro. Essas construções são subcategorias predicativas na língua.

Vimos que a reversibilidade semântica se subordina às representações mentais dos falantes nos contextos de uso. Dessa maneira, a conceptualização das experiências sensório-motoras, do contexto cultural e dos aspectos linguísticos condicionam a codificação semântica das construções predicativas no macroesquema da predicação e a reversibilidade semântica a partir dos diferentes (ou equivalentes) esquemas de imagem, domínios cognitivos e *frames* semânticos envolvidos na representação dos estados de coisas.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2010.

ALMEIDA-FLORES, Eduardo. *A construção-suporte no português brasileiro*. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2020.

CROFT, W. W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FILLMORE, C. J. *Frame Semantics*. in: *Linguistics in the morning calm*. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111- 137.
- GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. *Linguística cognitiva: origen, principios y tendencias*. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. *Linguística cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 12-38.
- JOHNSON. M, *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Sanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2008.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago, University of Chicago, 1990.
- LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. *Auxiliaridade*. In: RODRIGUES, Angela e ALVES, Ieda Maria (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção morfológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2015.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SILVA, L. A. *As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro*. 2012. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*, 2 ed. New York: Clarendon Press, 1995.